

A LINGUÍSTICA GERAL E A TEORIZAÇÃO SAUSSURIANA

CAMILA PILOTTO FIGUEIREDO¹;
DAIANE NEUMANN²

¹Universidade Federal de Pelotas – figueiredo.camilapilotto@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – daiane_neumann@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Sabemos que a obra a qual conferiu maior notoriedade a Ferdinand de Saussure foi denominada *Curso de Linguística Geral*. O livro póstumo, publicado em 1916, foi assim nomeado devido aos cursos ministrados pelo linguista em Genebra entre 1907 e 1911.

Quando pensamos sobre a linguística geral saussuriana, comumente vem em mente os termos gerais que compõem o arcabouço da teoria, tais como língua, linguagem, sistema, sincronia, entre outros. Todavia, trazer a tona tais termos não responde no quê, afinal, consiste a linguística geral para Saussure. Não responde o que é o geral para o linguista, como ele se constitui, nem qual é o seu valor epistemológico dentro do pensamento desenvolvido pelo genebrino. Menos ainda explica como a linguística geral saussuriana se situa dentro dos projetos de linguística geral de outros linguistas do século XIX e primeira metade do século XX.

Tendo em mente o que foi dito, o presente trabalho visa a investigar o projeto da linguística geral no século XIX e primeira metade do século XX e como a teorização saussuriana se coloca em relação aos desenvolvimentos dos teóricos desse período. Primeiramente, abordaremos o contexto de desenvolvimento da temática, dando ênfase para a sua visão dominante, na qual a noção de lei possui importância central. Em seguida, investigaremos o modo como Saussure entende a reflexão calcada em leis e, por fim, introduziremos a questão da linguística geral no pensamento saussuriano.

2. METODOLOGIA

A metodologia será de cunho bibliográfico. Quanto ao primeiro momento, os artigos selecionados seguirão predominantemente a abordagem da história das ideias linguísticas francesa. Na investigação do *corpus* saussuriano, será dado enfoque ao *Curso de Linguística Geral* em conjunto com os *Escritos de Linguística Geral* (ELG). Por fim, será feito uso de obras que possam esclarecer a temática do artigo sobre algum aspecto específico relevante.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o século XIX, o método histórico e comparativo foi adquirindo notoriedade e se estabelecendo institucionalmente. Isso não impediu, entretanto, que a linguística não se visse deparada com dificuldades no que tange a questões fundamentais para uma ciência. Como ressalta Auroux (2000), em pleno sucesso da gramática comparada, a linguística se mostra incapaz de definir o que seja uma língua e de estabelecer se é uma ciência natural ou social. A falta dessa

reflexão culmina em uma crise de fundamentos, de modo que a busca por respostas acarreta no desenvolvimento de um projeto denominado "linguística geral", o qual visa, dentre outras coisas, a estabelecer a autonomia linguística como ciência (Auroux, 2000).

A linguística geral se apresenta, ao longo desse período, como uma ciência de conteúdo heterogêneo e de caracterização programática. Todavia, sob influência do positivismo, parte considerável dos linguistas busca a generalização necessária a partir da síntese de resultados amparada na gramática comparativa e na linguística histórica (NORMAND, 2000). Assim, dentre seu escopo de investigação heterogêneo, o interesse pela busca de leis linguísticas alicerçadas em uma generalização empírica é dominante.

Para Meillet, o método para a formulação das leis deve ser o indutivo. Buscam-se leis aplicáveis a todas as línguas em qualquer período de tempo:

A necessidade se impõe de buscar formular leis segundo as quais são suscetíveis de se operarem as mudanças linguísticas. Se determinará assim [...] leis gerais que não valem para um único momento do desenvolvimento de uma língua, que, ao contrário, valem para todos os tempos; que não são limitadas a uma língua dada, [mas] que ao contrário se estendem igualmente a todas as línguas. (MEILLET, 1926, p. 11 apud AUROUX, 1988, p.46, *tradução nossa*)

O tipo de generalização empírica postulado por Meillet, Hjelmslev referencia como *lei pancrônica*, fazendo uso da nomenclatura saussuriana. Na visão do autor, ela é o cerne da linguística geral: "O desenvolvimento das possibilidades pancrônicas será, acreditamos firmemente, o objetivo de toda linguística geral" (HJELMSLEV, 1928, p. 104 apud NORMAND, 2000, p. 445, *tradução nossa*).

Claudine Normand (2000b) explica que, nesse período, o medo das especulações filosóficas se torna uma obsessão por grande parte dos linguistas. Segundo Meillet (1922), dada a complexidade dos fenômenos relativos aos homens e às sociedades, não é possível buscar observá-las por meio de abstrações *a priori*, como os gregos faziam. Assim,

[o]s fatos que apresentavam os seres organizados e as sociedades se mantinham obscuros, pois se pretendia estudá-los aplicando a eles ideias *a priori*; compreendeu-se, então [com a linguística histórica], que era necessário observá-los em si-mesmos, como se faz com os fatos da física e da química (MEILLET, 1922, p. 409, *tradução nossa*).

Assim, tal perspectiva de linguística geral considera que observar os fatos - entendidos como apreensíveis em si-mesmos -, para depois efetuar generalizações, seria possível porque, nesse caso, a generalização seria *a posteriori*. As generalizações estariam, pois, salvaguardadas do perigo de especulações filosóficas que prejudicassem a apreensão dos fatos linguísticos e, por conseguinte, as próprias generalizações daí decorrentes.

A perspectiva saussuriana destoa da generalização proposta por Meillet. Sabemos, pelo CLG, que "é o ponto de vista que cria o objeto" (SAUSSURE, 2006, p.15), sendo ele sempre precedente à análise dos fatos de língua. Nos ELG, encontramos uma nota que corrobora e amplia a compreensão dessa afirmação:

Ora, há de primordial e inerente à natureza da linguagem o fato de que, por qualquer lado que se tentar abordá-la - justificável ou não - não se poderá jamais descobrir, aí, indivíduos, ou seja, seres (ou entidades) determinados em si mesmos sobre os quais se opera, *depois*, uma generalização. Mas há, ANTES DE TUDO, a generalização e nada além dela; ora, como a generalização supõe um ponto de vista que serve de critério, as primeiras e mais irredutíveis entidades com que se pode ocupar o linguista já são o produto de uma operação latente do espírito. (SAUSSURE, 2002, p. 26, *grifo do autor*)

Temos aqui a indicação clara de que não é possível partir dos fatos linguísticos em si mesmos para depois operar uma síntese generalizadora, pois sempre se está em um ponto de vista; parte-se desde o início de uma generalização, que é anterior à análise da língua. E isso é exatamente o contrário do que se busca fazer quando se analisa a língua em termos de leis pancrônicas. Não existe a observação dos fatos em si mesmos para efetuar a generalização empírica.

Ainda, nos ELG, percebe-se que Saussure se afasta do emprego da palavra "lei" devido à confusão gerada pela falta de especificação desse termo em seus usos. Acerca dessa temática, encontramos, nos ELG, uma nota em que Saussure enumera diferentes sentidos da palavra, atentando para a dificuldade de distinção entre as mesmas:

Item. Leis:

1. As leis universais da língua que são imperativas (teoremático).
2. As leis "fonéticas". Nenhum direito a esse nome.
3. As leis idiossincrônicas, não imperativas.

Nós não realizamos alta filosofia nenhuma sobre o termo Lei, nós o tomamos tal como o oferece o uso comum, o sentido de todo mundo.

Item. Conhecemos a tal ponto a confusão entre a lei 3 e lei 2 ou lei 1 que não há nenhuma série e exemplos realmente suficientes para dissipar esse mal-entendido. (SAUSSURE, 2002, p.93).

A confusão entre os sentidos das leis é tão difícil de desfazer que Saussure chega a afirmar que "seria um extremo benefício para os estudos linguísticos libertá-los dessa palavra inepta" (SAUSSURE, 2002, p.202).

Claudine Normand (2000b) menciona que, dentro da heterogeneidade do projeto de linguística geral, havia uma corrente minoritária composta por outros linguistas, como V. Henry e Baudoin de Courtenay, que primavam não por uma síntese de resultados, mas tinham como preocupação principal questões teóricas e metodológicas. Aqui, então, não estamos mais no terreno das sínteses generalizantes, mas no domínio da generalidade dos princípios. Assim, no pensamento saussuriano, partimos de uma generalidade, que ocorre de um ponto de vista, a partir da qual analisamos as entidades.

Se a linguística aqui proposta é geral, não é mais enquanto síntese de resultados; não se trata de uma questão de generalização na forma de leis e tendências da gramática comparada e da linguística histórica [...]. A perspectiva se inverte: a generalidade proposta é a de princípios e por isso o Curso de Linguística Geral é uma epistemologia em que a necessidade de hipóteses está claramente posta. Não partimos mais da linguagem como óbvia, enunciamos os princípios a priori que permitem definir a linguagem e, portanto, descrevê-la (NORMAND, 2000, p.466, *tradução nossa*).

Princípios semiológicos *a priori* são, pois, os pontos de partida a partir dos quais se explica o funcionamento da língua. Aqui, a abstração se faz necessária, visto que serão os princípios que guiarão o modo de descrever as línguas, sendo a elas aplicadas.

Notemos que as proposições formuladas pela corrente de pensamento da linguística geral dominante possuem diferença fundamental em relação à natureza das proposições dessa corrente minoritária, pois, enquanto que no primeiro caso temos proposições falsificáveis, no segundo, temos proposições sobre método, não-falsificáveis.

Entendemos que há outro aspecto que diferencia de modo importante essas duas correntes da linguística geral. Na primeira, a ênfase é dada na busca do status científico da linguística através da noção de leis próximas aos moldes das ciências naturais. Na segunda perspectiva, há um retorno a questões de fundamentos e uma compreensão de que não se deve temer a teorização, as especulações filosóficas acerca da língua. Para a corrente da linguística geral minoritária, será através da reflexão sobre as bases da linguística, sobre os princípios que a podem fundar, que se chegará a novos resultados.

4. CONCLUSÕES

A partir do levantamento bibliográfico, é possível perceber que a visão de linguística geral saussuriana destoa significativamente daquela proposta de modo dominante entre o século XIX e XX. A importância central é dada ao método, e a generalização tange aos princípios semiológicos, colocados como pontos de partida para explicar o funcionamento da língua e para descrever as línguas. Nessa visão, questões de base, especulativas, são vistas como fundamentais, pois não se faz ciência apenas com descrição. É através dessa perspectiva que a linguística se faz epistemologia (NORMAND, 2000b).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, S. Les antinomies méthodologiques. In: **Histoire des idées linguistiques**: Tome 3: L'hégémonie du comparatisme. Sylvain Auroux (dir.), Mardaga, 2000, p.409-440.

MEILLET, A. **Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes**. Paris: Hachette, 1922.

NORMAND, C. La question d'une science générale. In: **Histoire des idées linguistiques**: Tome 3: L'hégémonie du comparatisme. Sylvain Auroux (dir.), Mardaga, 2000, p.441-448.

NORMAND, C. La généralité des principes. In: **Histoire des idées linguistiques**: Tome 3: L'hégémonie du comparatisme. Sylvain Auroux (dir.), Mardaga, 2000b, p.463-472.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAUSSURE, F. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.